

REVISTA
DE
Arte e critica

SERIE 1.^a

Fasciculo n.º 4

AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE ABRIL DE 1899

Á MEMORIA

Do poeta das «Peninsulares»

Dr. Simões Dias

I

Nasce o Poeta: — e, na idade dos Amores,
Toda a sua Alma, em pleno abril, é um canto:
Ao rythmo subordina o riso e o pranto...
Ao verso molda os jubilos e as dores.

Morre o Poeta: e ali, no Campo-Santo,
Ainda a sua Alma, em pleno abril, dá flores:
As suas lagrimas e os seus suores
Convertem-se em perfumes... por encanto!

Poeta que cantaste... e que morreste:
— Que lindas flores vão surgir da cova
Onde dormes á sombra dum cypreste!

Que, se em cada poema e em cada trova
A velha-vida em flores desfizeste,
O que não farás tu .. da vida nova!

Março de 99.

CARLOS DE LEMOS

II

Poeta do Amor, que o puro Amor cantaste
E tão cedo fugiste ao nosso amor,
D'olhos fitos no vivo resplendor
Do sonho que na terra não achaste :

Se lá, onde o teu sonho realisaste,
Tu que foste na terra um sonhador,
Algum ecco perdido, algum rumor
Ainda chega do muado que deixaste :

Que o perfume das rosas desfolhadas,
Que a essencia das lagrimas choradas
Na cova, onde o teu corpo repousou,

Num claro raio de luz p'ra ti voando
Te façam o ether brando inda mais brando
Lá, aonde o teu espirito voou !

Maço de 99.

BEATRIZ PINHEIRO.

SALLA DE VISITAS

De HENRIQUE DE VASCONCELLOS

VIDA E MORTE DE SANTA AFFRA

A' sr.^a Condessa de Valle-Flor



entada defronte do polido espelho de cobre, cujo oval duas faunesas nuas sustentavam, Affra seguia os movimentos de Eutropia, a escrava grega, com ella vinda de Corintho, que lhe arranjava os cabellos infinitamente pretos, onde passavam reflexos azulados, como nos bagos d'uva da sua terra.

Sobre banquetas marchetadas, jarros de prata finos e longos, uma multidão de pequenos espelhos, agulhas d'oiro para separar o cabelo. D'uma dellas, um chuveiro multicôr de fitas, cahia, predominando o amarello e o vermelho, ora em tons brilhantes, incendiados, ora diluindo-se na pallidez do creme e da rosa-carne.

—Que gancho quer, senhora ? perguntou Eutropia.

—Olha, dá-me aquella cigarra d'oiro, sem pedras : imaginarei assim, que sou uma dama d'Athenas, do tempo em que ellas ficavam em casa a fiar e a tocar e não passavam a vida a dormir e depois á espera da madrugada, para dormir outra vez...

Eutropia foi buscar a cigarra. Houve um ruído claro de oiros e de pedrarias e voltou a prender a pesada massa dos cabellos d'Affra, em rolo, sobre a nuca. E enquanto lhe abria os olhos com antimonio e lhe bistrava as palpebras, Affra, olhando as mãos onde o ruído dos anéis mordida a carne branquíssima :

—Não tens saudades de Corintho, Eutropia? Tu não és de lá, mas viveste desde pequena connosco, comigo brincaste nos nossos jardins, cheios de figueiras que davam figos doces e de palmeiras verdes, que baloiçavam, tranquillamente, os seus largos ramos espalmados ... E' verdade, d'onde és tu? Conta-me a tua vida ...

—Para quê, senhora, se tantas vezes lh'a contei?

—Já me esqueci. Oiçoa de tanta gente! E depois ainda é cedo, os convidados só vêm mais tarde, e não sei em que passar o tempo ... Põe-me outra fita nos pés ... Verme-lhas, côr de sangue, como se o meu amante me tivesse dado dentadas ...

Eutropia sahio, a buscar a fita, e Affra, os olhos semicerrados, olhava os anéis pestanejantes como estrellas.

Tu lembras-te ... disse ella, (traze-me outra almofada para pôr os pés) lembras-te, quando fiz dez annos e minha mãe me levou ao templo d'Aphrodite, offerecer-me á Deusa?

—Lembro-me, senhora. Ia bem contente, na suatunica branca, os cabellos pretos a cahirem pelas costas, como, quando chove a noite sobre as serras geladas, no inverno, d'Augsburgo. Iam muitas; algumas com pombas na mão para offerecer á Deusa. As pombas eram brancas, brancas as raparigas—dois bandos de pombas. A senhora levava flores, tantas, tantas que parecia uma planta; fugiam-lhe das mãos, abraçavam-lhe o pescoço, iam ver-lhe o peito, misturavam-se aos cabellos. E em volta de si, tudo era perfume ...

—Lembras-te, lembras-te, interrompeu Affra, agitada, quando cheguei ao altar, e quiz depôr aquellas flores todas aos pés de Venus, e que tive de tirar a tunica e ficar nua,

porque algumas tinham-me fugido para o peito, outras coce-gavam-me nas costas ?

— Como se fosse hoje. Houve um deslumbramento, como se Psyché apparecesse. A graça do seu corpo de creança illuminou todos os olhos e foi uma aclamação quando sahiu. Todos a queriam, todos á porfia corriam atraz de si e a senhora sem querer nenhum, a rir-se a rir-se, os olhos muito satisfeitos, e corada, e o cabello, fluctuando, parecia seguil-a trazendo os desejos dos que vinham atraz de si, que a rodeavam, que passeavam os olhos, pelo seu pescoço, pelas suas mãos e pelos pésitos vermelhos de correr. Se me lembro d'isso tudo ? ! Nesse tempo tambem eu era nova, e não me chamavam feia. E Corintho era linda, sobre o mar sereno onde corriam mansamente os navios, de vellas brancas, a parecerem gaivotas, quando iam longe. E os marinheiros cantavam coisas doces, ás vezes tristes, lembranças dos amores que deixavam em terra, do vinho novo que se bebe nas tabernas. Olhe, d'um me lembro eu, que ao partir ia cantando, as lagrimas nos olhos:

Por meus braços deixar
Em volta d'uma cinta,
Já não posso remar...

O' senhora, que linda terra, cheia de festas e de jardins, com jogos onde concorriam os mancebos mais airosos das ilhas!—Tambem, porque foi que a sua mãe deixou Corintho e nos trouxe par este Augsburgo gelado?

—Coitada da mãe. Julgou fazer-me feliz e veio morrer de frio neste paiz de gelos. Por Hermes e por Zeus isto é uma terra execravel.

Durante algum tempo conservaram-se silenciosas. Com um pó fino, Eutropia purpureava os labios de Affra, e depois, ligeiramente, as orelhas, e, quasi em sonho, as faces.

—Deixe ver as unhas.

Tractou-as, cuidadosamente, colorindo-as: tornou a friccional-a com oleos aromaticos.

—Mais alguma coisa?

—Não, traze-me uma exome com que me cubra.

A escrava cobriu-lhe o corpo com um tecido transparente e claro, que rosava mais o seu corpo.

—Que alfinete quer para a prender nos hombros? Nenhum? Quer leval-a aberta?

—Não. Traze-me algum que tenha uma esmeralda, a pedra que dá bons sonhos. Tenciono dormir neste festim.

Levantou-se. Alta e delgada, como um florido malvaíscio, o seu andar era rythmico, vagaroso, voluptuoso, convidando os desejos a marchar para ella, a rodeal-a, a nimbar-lhe de fogo a escuridão dos cabellos fartos. Eutropia olhava para ella enternecida, como se aquella belleza fôra obra sua, como se o airoso singular dos gestos desabrochando luxuria, ao fugir dos dedos, o oval purissimo do rosto branco onde os olhos punham manchas negras, a brilhar—treva que fosse luminosa—, como se todo aquelle desenrolar d'uma vaga de carne e de volupia fosse obra sua, fosse ella Eutropia, a escrava, que tivesse dado formas e contornos, afinado linhas, que, esculptora, d'um bloco informe tivesse feito a radiosa cortezá grega, Affra, espanto e inveja de Augsburgo.

Affra voltou-se a ver no espelho, longamente, considerando com minucia cada detalhe, se os cosmeticos estavam bem postos.

—Vamos jogar aos dados, Eutropia.

—Jogar eu com a senhora! Que dinheiro tenho para jogar? Se fosse rapaz, jogaríamos aos beijos.

—Tens razão, tens razão, concordou Affra. O jogo em si nada é. Como se houvesse um deus sem poder para praticar o bem nem para fazer o mal: ninguem o respeitaria, não teria templo, nem sacerdotes, nem fieis. O caso é interessarmos nelle por qualquer coisa, pôr um pouco da nossa Alma a agitar-se com os dados, um pouco da Alma, ou a Alma inteira. Como ella está com os dados, agita-se, vae, vem, salta, corre, pára, bruscamente, com sobresaltos e vivemos intensamente, longos annos numa só hora. Essa é que é a vida: não

o arrastar a existencia, como eu faço, sem dôr e sem prazer, pobre aleijadinha, que vae, como as lesmas, vagarosamente, pela vida fóra.

E Affra continuou gemendo a inutilidade da sua vida, sem uma commoção, o aborrecimento dos dias que uns sobre os outros dobravam, sempre eguaes, nitidamente eguaes, naquela cidade pouco artistica, sem festas, apenas um minuscuro amphitheatro construido por Drusus, quasi arruinado já, onde as festas não tinham nem o aspecto gracioso das de Corintho, nem a barbaria erotica e sangrenta, a mascula ferocidade das de Roma, no grande circo para onde, de todas as desvairadas partes do mundo corria gente, tal os rios singrando para o mar.

Mesmo assim conseguira reunir algumas pessoas lettradas e artisticas, finamente depravadas, quasi todas scepticas, d'um scepticismo amavel e de bom tom, sem investigações transcendententes, nem cerrados systemas e muros e acropoles d'argumentos, deixando boiar, nadar, como um navio sem leme num rio socégado, as suas ideas, ao sabor do momento.

O mais curioso de todos era Krausen, germanico, cujo amor pela Grecia lhe fizera mudar de nome não consentindo que o chamassem senão Epicuro, em veneração ao que elle dizia seu mestre e para esconder o nome barbaro, que o deslocava para uma condição inferior.

(Continua).



De DELFIM GUIMARÃES :

A UNE NOIVOS



Ha um palacio elegante,
Perto da casa onde habito,
Com pomar, jardim, mirante,
E um pombal muito bonito.

O palacete, que ostenta
Certa linha bisantina,
D'entre os mais se salienta,
Mas não me prende a retina...

Não é que seja pesado,
Falto de gosto ou de estilo...
Mas tem um ar contristado ;
Não sei... não gosto d'aquillo.

Nunca ás janellas rendadas
Vi um rosto de mulher ;
Ali ha «almas penadas»
Ou um misterio qualquer...

O pomar tem fructas finas
De todas as naturezas,
Desde as frescas tangerinas
Aos damascos e framboesas...

Mas tenho visto pomares
Com fructa igual, e portanto
Não demoro os meus olhares
N'esse pomar sem encanto.

O jardim 'stá bem cuidado,
Com seus canteiros garridos,
Com seu lago povoado
Por lindos peixes luzidos.

E' um recanto viçoso
Do paraíso, um tranquillo
Eden de paz ou de goso...
Mas não sei que falta áquillo !

Não cantam as avesitas
N'esse parque socegado...
Nem chilreiam creancitas,
Nem ri um par namorado !

Mas o pombal... o pombal
Que bellesas não encerra !
Vale um thesouro, oh ! se val'...
Se é que ha thesouros na terra !

Da minha casa modesta
A poucos metros distante,
O pombal em ar de festa
E' a minha atracção constante...

Trocaria de bom grado
Palacio, jardim, pomar,
Por esse recanto amado,
— Caso os podesse trocar !

E' um pombal tam bonito!
Tam cheio de perfeição!
Que haja outro igual—acredito;
Mas—melhor, isso é que não!

A's vezes ha rija guerra
De bicadas; ha mil tombos;
Cahem pombinhas por terra
Desmaiadas; morrem pombos...

E no pombal de ordinario
Tam socegado, tam terno,
O meu olhar visionario
Crê ver as luctas do inferno...

Mas entre as pombas graciosas
Que vejo n'esse pombal
Ha duas tam bonançasas,
D'uma brancura ideal...

Que ao vê-las fico a scismar...
Que ao vê-las fico-me n'isto:
«Serão feitas de luar,
«Ou das lagrimas de Christo?!

«Não serão anjos, meu Deus,
«Essas pombinhas alventes?!
«Não cahiriam dos Ceus
«Em fórma de astros cadentes?!

De vê-las sempre juntinhas,
Muito amigas, no pombal,
Vim a saber que as pombinhas
Formavam já um casal!

E que ditoso ! que bello
 Casal aquelle não é ? !
 Ver assim um terno anhelô
 E' ter crença, esp'rança e fé !

Horas a fio, extaseado,
 Contemplo o lindo pombal,
 Procurando esse invejado
 Casal de pombas ideal

Que tanto prende a attenção,
 E de cujo exame attento
 Que as pombas teem coração
 Cheguei ao convencimento !

*
 * *

Nas duas brancas pombinhas
 Quiz simbolisar sómente
 Duas almas irmansinhas
 Unidas recentemente,

E ás quaes desejo bonança,
 Doirada paz e ventura . . .
 E uma estrella de candura
 Nos olhos de uma creança !

E que o lar lindo e fagueiro
 Que vão formar seja egual
 Ao do casal feiticeiro
 Do feiticeiro pombal !



ANHELIA



(CONCLUSÃO)

Anhelia

*Como dois orphãos, como dois cegos
Que pela estrada ninguém conduz,
Como as corujas, como os morcegos,
Eram meus olhos, sem terem luz.*

O Ephebo

*Mesmo de noite, treva cerrada,
D'olhos p'ra dentro o sol me sorria;
Tomando á tóa por uma estrada
O Anjo da Guarda me conduzia.*

Anhelia

*Cantavam Aves: e ao ouvir-lhe o canto
Dobravam sinos na escuridão...
Meus olhos eram rios de pranto,
Mar de saudades meu coração!*

O Ephebo

*Rugisse embora tormenta brava
Nas profundezas do ceo sombrio,
Sempre em meus labios cantarolava
Uma cigarra, como no estio.*

Anhelia

*Vinha-me a aragem embalsamada
D'um cheiro a rosas, quando passava :
E o que eu ficava era agoniada
Do cheiro a lodo que respirava.*

O Ephebo

*Passei á beira d'um mar de lama,
Que me disseram que dava morte :
A' sua beira fiz minha cama
E ao outro dia estava mais forte.*

Anhelia

*Se doces fructos se me off'reciam
E a minha bocca nelles tocava,
Em fructos verdes se convertiam :
— Eram amargos, quando os trincava.*

O Ephebo

*E eu, se enterrava meus alvos dentes
Na côdea negra do meu bernal,
Nem mesmo os Deuses onnipotentes
Tinham no Olympo banquete igual.*

Anhelias

*Se as mãos pousava nas orvalhadas
Rosas que nascem pelos caminhos
As mãos ficavam-me ensanguentadas
Das lindas rosas pelos espinhos.*

O Ephebo

*Fui-me ás amoras que são gostosas :
Por entre as silvas calu no chão...
Foi como um banho num mar de rosas :
— Trazia rosas na minha mão!*

Anhelias

*... Era que a sombra d'alguma coisa
Desconhecida, mas desejada,
Como um espectro sobre uma lousa,
Punha em meus olhos noite fechada*

*Ia comigo, não me deixava,
Nem por instantes, a sombra negra...
Por isso em pranto sempre me achava
O sol bemdito que tudo alegra.*

*E quando ás tardes, lá da montanha,
Destes meus olhos se despedia,
Ao vel-os cheios de dor tamanha,
Bem m'os beijava... mas eu nem via!*

O Ephebo

*...Era que o sonho que me raiara
No ceo da Alma, co'as sete côres,
Punha em meus olhos a luz preclara
D'esses teus olhos encantadores...*

*E o encanto d'elles, o seu encanto,
Tudo encantava com força tal,
Que me me curava todo o quebranto
E me livrava de todo o mal.*

*E quando, lentas, as sombras descem
Lá das montanhas, ao fim do dia,
Para que as sombras se desfizessem
Fechava os olhos: teus olhos via!*

Anhelia

*Porem agora que te encontrei,
A terra é outra; tudo mudou...*

O Ephebo

*E eu, que o meu sonho realisei,
Como que ainda sonhando vou...*

Anhelia

*A terra é outra: percebo agora
Tudo o que d'antes não percebia!*

O Ephebo

*A terra é a mesma; somente a aurora
D'este meu sonho já se fez dia...*

Anhelia

*Vozes das Flores, vozes das Aves,
Vozes das Aguas, ora as entendo...*

O Ephebo

*Que valem vozes as mais suaves
Ao pé das vozes que estou bebendo?!*

Anhelia

*Oh Flores que me abrieis vosso seio
Ao verdes minha dor, todas afflictas!
Por sentirdes comigo aquelle anseio,
Sede bemditas!*

O Ephebo

*Flor que da tua graça me bafejas!
Pela ventura que de ti me veio,
Bem dita sejas!*

Anhelia

*Oh Aves que acertaveis por meus prantos
Vosso canto, a prantear minhas desditas!
Pela tristeza que tinham esses cantos,
Sede bemditas!*

O Ephebo

*Ave que dentro da minha Alma avoejas!
Por m'a tornares toda um ceo de encantos,
Bem dita sejas!*

Anhelia

*Oh Aguas que á minha Alma segredaveis
A doçura das Graças infinitas!
Pela piedade com que me fallaveis,
Sede bemditas!*

O Ephebo

*Agua que em tuas ondas bemfazejas
Me banhas de delicias ineffaveis,
Bem dita sejas!*

Anhelia

*Oh Arvores, que vendo-me sequiosa
Me acenaveis com fructas exquisitas!
Porque sois de feição tão generosa,
Sede bemditas!*

O Ephebo

*Arvore que na terra assim vicejas !
Pois me abriga a tua sombra carinhosa,
Bem dita sejas !*

*Abrem-se em ala as Arvores, agora,
Sobre um campo vibrante de gorgeios...
Ao longe, repartida em claros veios,
Deslisa a Agua pela relva fóra.*

*Vae o Sol a esconder-se já na curva
Do Poente, todo em purpura de Tyro...
Morre a tarde, e o seu ultimo suspiro
D'um aroma estonteante os ares turva.*

Anhelia

*Oh Sol que com teus raios, mal assomas,
Azulas todo o Ceo e a Terra alóiras:
Que o chão mal tocas com as fulvas comas
E a poeira do chão p'ra logo doiras:*

*Oh Sol, que és tudo quanto ha na terra:
Que és flor e és fructo, que és perfume e és côr:
Sol, cujo seio a vida toda encerra,
Que a vida não é mais do que calor:*

*Oh Sol que estes meus olhos enxugavas
Quando elles, rasos d'agua, mal te viam...
A ver se com teu halito seccavas
A fonte d'onde as lagrimas nasciam:*

*Oh Sol que no meu labio agora cantas,
Meu sangue aqueces, nos meus nervos vibras;
Sol que p'ra o Ceo da Terra me levantas
E que entre o Ceo e a Terra me equilibras:*

*Claro Sol! Vivo Sol! Oh Sol divino!
Pela luz cujo rasto agora sigo,
Eu que andava perdida sem destino,
Oh Sol! eu te bendigo!*

O Ephebo

*Oh Sol! Oh Luz dos olhos! Luz das Almas!
Pela ventura que no seio abrigo,
Oh Sol que a febre do meu sangue acalmas,
Amor! — eu te bendigo!*

*Vão-se as Aves calando, alegremente
As azas sobre os ninhos desdobrando...
E as Flores vão as petalas cerrando
Num desmaio, uma a uma, lentamente.*

*E no silencio que se faz em roda,
Sob a roda do ceo já com estrelas,
Os dois, sem terem olhos para vel-as,
Põem nos olhos um do outro a alma toda.*

*E o Sol que atraz dos montes já se perde,
Emquanto a bocca d'um p'r'a do outro vòs,
Como um velho Avosinhô os abençôa
E acena-lhe de lá c'um lenço verde.*

BEATRIZ PINHEIRO.

ERRATAS DA «ANHELIA»—No fasc. 1.º, pag. 31, verso 26, onde se lê: *Na Cruz de maldição*, leia-se: *Da Cruz de maldição*. No fasc. 2.º, pag. 77, verso 4, onde se lê: *Espera o Sol! esperar as Flores!* leia-se: *Espera o Sol! espera as Flores!*

Palavras de Agnelo

De Anthero de Figueiredo



ORNA-SE hoje preciso que os poetas ponham «nas paginas dos livros que escrevem a lição «optimista que entenece o coração, enchendo «a alma d'aquella serena fortaleza que é mais «leve que o ar das montanhas.»

São das *Palavras de Agnelo* estas linhas :
—por ellas foi pautado todo o volume.

Dicto isto, podia-me ficar por aqui: que no que dicto fica está o meu juizo e o seu elogio. Quando muito, restava-me aconselhar, aos que me não acreditassem sob palavra, que lessem o livro — para se convencerem.

Mas, exactamente porque o livro assim é (ou assim me parece, que para mim o mesmo vale) é que mais a mim me praz tomar-o hoje para assumpto de palestra larga, não tanto quanto pedia o meu desejo, mas quanto a mingua d'espaco e de tempo m'o consente agora: que para mais tarde não quero eu deixar tarefa tanto do meu gosto.

Não para lhes dizer o que o livro seja como obra d'arte; não:—em face d'um livro como as *Palavras de Agnelo* tal questão é a de somenos importancia. De resto, o seu auctor, Anthero de Figueiredo, é já de ha muito conhecido e apreciado por todos como um apurado artista da prosa, porventura até apurado em demasia, de tanto que a prosa, por assim dizer, se lhe rythma e metrifica a ponto de cantar-nos ao ouvido cada periodo seu como uma verdadeira estrophe... em versos brancos.

Da leitura, mais que uma vez repetida, que fiz dos seus dois livros — *Tristia* e *Alem* — foi esta, pelo menos, sempre uma das impressões que mais vivas me ficaram.

A sua prosa embala-nos numa toada de canticos que venham de longe, como certas harmonias vagas que me lembram ter ouvido em creança, lá pela calada da noite, nem eu sei se accordado se a dormir — mas fóra de duvida que a sonhar...

E' uma prosa que não se pode ler em voz muito alta: que tem de ser recitada a meia voz; que tem de ser rezada no murmúrio lento d'uma prece, como certos sonetos — para mim os melhores — d'aquelle inegualavel poeta que foi Anthero de Quental. Pois o estylo das *Palavras de Agnelo* é ainda o mesmo: agora mais accentuado, parece, pelo perfume de mysticismo que se evola d'essas paginas a lembrar por vezes as paginas mais altas do livro modelar de Kempis.

Já disse, porem, que não era como obra d'arte que eu ia apreciar o novo livro de Anthero de Figueiredo: acrescento que é como obra de moral que elle se me impoz ao espirito logo á primeira leitura. Isto, porque tambem eu sou dos que pensam com o auctor que *a maior das artes é a que se elevar á maior das ideias, pois que arte pela arte é cousa velha e arte sem ideal cousa pequena*.

Simplemente, desde já declaro que nem todas as ideias por aquellas cincoenta paginas espalhadas ganharam egualmente a minha adhesão. Um amigo meu dizia-me, ao remetter-me o livro de Anthero de Figueiredo, que este pensara primeiro em pôr-lhe por titulo: — *Será isto?* — Se tal tivesse feito, a minha resposta seria dada com certas reservas... Para mim pelo menos, a Boa-Nova, fosse *isto* muito embora, seria então *isto*... mas *isto* e mais alguma coisa: — alguma coisa que por ventura Anthero de Figueiredo nos virá a dizer um dia ainda em outro livro mais completo e mais coherente tambem. Porque tem, no meu entender, verdadeiras lacunas e flagrantes contradicções este livro que como evangelho se nos apresenta. Mas, porque as tem, é que elle merece não só ser lido e re-

flectidamente lido, mas ainda ser discutido e desafogadamente discutido.

Teem margens largas estas paginas: cuído que propositamente as quiz assim largas o auctor do livro — para que lh'as enchessemos nós com os nossos commentarios e com as nossas objecções tambem.

As linhas que seguem são algumas das minhas *Notas á margem*, rabiscadas d'afogadilho na precipitação da primeira leitura.

*
* *
*

A um canto da Praça onde a Multidão redemoinha em frente da Bolsa, Agnelo, o sonhador, medita...

— Melhor que *Palavras de Agnelo* me parece caberia a este livro o titulo de *Meditações de Agnelo*: porque são, em boa verdade, palavras de Agnelo, são; mas palavras interiores que cahiram do coração sobre estas paginas sem quasi roçarem pelos labios, mais puras portanto — puras e purificantes como fervorosas orações... mentaes.

Agnelo, o Sonhador, medita: o emparedamento e o empedramento da cidade traz-lhe ao espirito o empedramento e o emparedamento das Almas, empedradas e emparedadas pelo Egoismo...

O nosso Mal é o Egoismo:

«Somos um rancho de irmãos em que poucos são os morgados. Aproveitar a vida é usufruir esta desigualdade, o que custa tanto menos quanto menores são os escrupulos.

Mas, se o Mal é o Egoismo, qual o remedio?

O remedio é — o Amor: mas o Amor a tudo e a todos, ubiquo e omnimodo, que se estende ás pessoas e ás cousas, que corre da Alma como um grande rio que tudo alaga e fertilisa, como um Jordão de Graça que tudo resgata e purifica:

«E' preciso fazer o bem que se puder, doendo-nos dos homens e das cousas — das creanças e das aguas do mar, dos velhos e das pombas — porque só assim lograremos calma na consciencia e vida noutra claridade...

E aqui, á pergunta—*Será isto?*—responderia eu desassombradamente:

—*E' isso.*

E assim, consubstanciada toda a moral das *Palavras de Agnelo* na soberba synthese que vem ao fim da pagina 22:—*saíamos de nós proprios: na familia prolonguemos a alma; e mais: dilatamol-a em proveito da patria; e maior: expandamol-a infinitamente pela humidade:*—consubstanciada nesta soberba synthese toda a moral das *Palavras de Agnelo*, tem ella a minha incondicional adhesão.

Mas, se devemos prolongar a alma na familia, como explicar o pessimismo schopenhaureano d'aquellas paginas provocadas pela passagem dos Amantes e dos Noivos?

«E' mau desejar o que não nos deve pertencer... E' mau «desejar as illusões que se esfriam...

—O que é mau é deixar que se esfriem as illusões que nos aqueceram na fragua d'um desejo...

«... as baixas illusões em que cada um pode tocar com «os dedos.»

Mas colloquemos nossas illusões tão alto que não as posamos tocar... só se fôr com a alma—só se fôr com as azas! As illusões são como as chagas de Christo... virtude e grande virtude é realisar-as como S. Francisco d'Assiz: peccado e grande peccado, sim, total-as como S. Thomé—duvidoso.

Mas o proprio Agnelo se retrata das palavras proferidas á passagem dos noivos, mais adeante:

«A mulher amada é como um sacrario deante do qual não «devemos levantar muito a nossa cabeça, mas sim inclinal-a «sobre o peito, cerrando os olhos, na meia cegueira de quem «conversa com seus sonhos...

O sonho... o sonho, eis a aspiração suprema, o supremo ideal—*a unica verdade, porque é a unica que é constante.*

De accordo ainda. E as ultimas paginas do volume cantam todas, *una-voce*, um hymno precatorio e eucharistico ao Sonho—bordão e viatico para quantos andam perdidos por

este Valle de Lagrimas. Mas aqui nie surge agora a contradição maior—aquella que, a meu ver pelo menos, inutilisa toda a efficacia do livro, que devera ser muita, se por tal forma não concluirá. Vejamos. Diz Agnelo (e é ao Sonho que Agnelo se dirige) diz Agnelo :

«Quem anda em noite cerrada com uma candeia na mão, «nada vê para o lado, porque se forma uma bola de luz onde «a treva não entra. Sê tu essa luz que eu levarei na palma da mão...

Seria a belleza da imagem—que é realmente bellissima—que atraçoaria o pensamento de Anthero de Figueiredo? Não: nem Anthero de Figueiredo, por muito amoroso da Forma que seja—que na verdade o é—se deixaria desencaminhar pelo esplendor d'uma imagem... A prova está em que as quasi-ultimas palavras de Agnelo são ainda estas :

«Sonho! sinto-te comigo; já tu me ensinas a arte de ver «ver enamorado e de andar pela terra não na tocando.

Pouco antes dissera tambem, e d'esta vez por uma forma bem clara, sem ambages, sem figuras, pão pão, queijo queijo :

«Contigo (com o sonho) podemos andar por entre os outros, vivendo d'elles afastados...

Mas o Sonho, assim considerado, é uma forma ainda—a manifestação ultima, suprema e definitiva—do Egoismo que Agnelo logo á primeira pagina condemna e estigmatiza como fonte de todo o mal: egoismo requintado, é certo; mas não é por isso mesmo mais irritante?

Como harmonisal-o pois, com a necessidade de se tornar fecunda a piedade? como harmonisal-o com a missão de caridade que Agnelo propõe ás noviças cujas vozes chegam do mosteiro aos seus ouvidos em canticos e em rezas?—... *em vez de terdes as mãos postas ao ceo, tende-as a atar as fitas d'uma ligadura, ou a aconchegar a roupa da cama onde morre o obreiro desamparado, porque assim dará flor vossa piedade...*—Como harmonisal-o em summa, ao sonho, assim mysanthropo, como harmonisar esse refinadis-

simo Egoismo com esse grande Amor que lhe devera ser antidoto — esse Amor que *precisa de cercar-se da multidão para largamente se distribuir?*...

Recolha-se o Poeta á sua Torre de Marfim? — Não: pelo contrario: saia-me o Poeta da sua Torre de Marfim e confunda-se e irmane-se e identifique-se com o Homem, com a Natureza, com a Vida: como o Apostolo, faça-se tudo por amor de todos: e sonhe e cante e ame, mas pregue, mas eduque, mas erga os outros consigo: viva, mas faça que os outros vivam um pouco da sua vida: — escale o Ceo pela mão do Sonho, mas não deixe os mais no Inferno: leve-os consigo. O contrario fôra o egoismo da Mãe de S. Pedro...

Como de Fra-Angelico escreveu Paulo de Saint-Victor, emparadise o poeta este carcere em que todos vivemos, fazendo irradiar na alma de todos o Ceo que traz dentro da sua alma... *A coisa está em fazer florir as pedras d'estes caminhos*: diz Agnelo. Pois faça então florir as pedras d'estes caminhos, muito embora lhe sangrem a elle os pés e a hora de felicidade que elle nos conquista lhe custe a elle toda uma vida de sacrificio: — que *a Dor é um molde de raras formas onde as almas devem entrar para ficarem lindas e Deus as querer*...

O Sonho, sim; mas Sonho que não seja Horto-Fechado, como a Esposa dos Cantares; mas Karavansará de portas abertas que todos abrigue, ou, melhor, Oasis que a todos ofereça a agua e a frescura das suas fontes, que sobre todos espalhe a sombra e os fructos das suas palmeiras.

Estava em ficar por aqui, porque disse já quanto a dizer tinha de importante; mas já agora aponto ainda, como coisa de que discordo, o feitio um tanto ou quanto exclusivista da Moral de Anthero de Figueiredo. Assim repugna-me acceitar a apologia que elle nos faz da ignorancia:

«Demais, é bello ignorar. Sobre tudo quando a ignorancia nos torna humildes e nos encaminha para a Bondade que é uma luz.

Não: não é a ignorancia que nos encaminha para a Bon-

dade; mas sim a sabedoria; digo—a verdadeira sabedoria, que, porque é luz, forçosamente deve ser bondade.

Tambem das nebulosas nascem os astros: continua.

Argumentar por imagens é sempre arriscado para chegar á Verdade: mas aqui nem sequer a imagem foi feliz:—pois que muito que das nebulosas nasçam os astros, se as nebulosas são viveiros de luz?! Mas accaso nascem astros das nuvens?

—Não: das nuvens, quando muito, o que nasce são raios...

Educar vale mais do que instruir...

Como o todo vale mais do que a parte. A educação—que é uma instrução perfeita—vale innegavelmente mais, muito mais, que a instrução—que é uma parte apenas da educação, uma educação incompleta por tanto. Mas, se por educação Anthero de Figueiredo entende apenas a instrução moral, então protesto:—nada d'exclusivismos: não se procure só a educação intellectual, claro; ande-lhe a par a educação moral; e... e emparelhe com cada uma d'ellas a educação phisica. *Mens sana* .. Mas lá ia eu fechar com o estafadissimo chavão!

*
* *
*

E apesar de tudo, o ultimo livro de Anthero de Figueiredo continua sendo para mim um livro preciosissimo—uma obra d'arte e uma obra de caridade.

E' que, discordando d'elle em tanta coisa, ainda o que fica e a que eu firmemente adhiro com todas as veras da minha alma—é muito, é muitissimo. Nem eu me occupara tão largamente d'elle, se assim não fôra: como tambem não teria dicto o que d'elle penso assim com tanta franquesa, se eu não soubera que Anthero de Figueiredo consideraria uma offensa ao seu character e ao seu talento a minima reserva minha para com elle—neste sentido.

Farto de criticas laudatorias e de adjectivos encomiasticos, está-o elle e estamol-o nós todos: reagindo contra a pratica usual de apreciar os livros recebidos sem sequer lhes ter

aberto as paginas, aqui deixo exarado o meu sentir com respeito ás *Palavras de Agnelo* nestas linhas que, á mingua d'outro merecimento, teem o merecimento, que é grande, de serem francamente escriptas com o livro em frente e depois de o ter lido mais que uma vez e meditadamente.

A Anthero de Figueiredo, com os meus applausos sincerissimos, um sincerissimo abraço de affectuosa e lealissima camaradagem.

CARLOS DE LEMOS.



ANTONIO PADULA



ara os leitores da *Ave-Azul* não é este um nome desconhecido: já tivemos occasião de a elle nos referirmos — muito de passagem, é certo — na resenha que a *Ave-Azul* publicou dos escriptores que lá fóra se occupam da litteratura portugueza. E, se por então nos limitamos a citar-lhe o nome e os dois livros de critica que d'elle conheciamos — *Camens e i nuovi poeti portoghesi* e *I nuovi poeti portughesi* —, não foi só porque a mingua de espaço nol-o não permittia, mas ainda (e isto abona a seriedade e a independencia dos nossos juisos) porque não possuíamos as supra-citadas obras e apenas d'ellas sabiamos o que, por jornaes e revistas nossas, ao tempo da sua publicação se disse, encarecendo-as e applaudindo-as: — não tanto quanto ellas merecem, dizemos nós agora, visto que, por amabilissimo obsequio do seu auctor, já depois as pudemos ler e honram agora a estante onde alinhamos os livros que temos em maior apreço. Ligeiros senões, quasi todos resultantes apenas de lamentaveis *gralhas* que estropearam barbaramente os nomes de alguns dos nossos mais queridos poetas (por ex. *Soares de Passos* que é Soares de Panos, no cap. V do *Inuovi poeti portoghesi*) certo desaparecerão numa segunda edição que, quanto a este livro, tmbem poderia, a nosso ver, ficar melhorada, se alguns dos poetas de que o sr. Antonio Padula dá noticia no cap. V (Mendes Leal, Bulhão Pato e Thomaz Ribeiro, por ex.) passassem a figurar no cap. II ou ainda no cap. III.

De resto, em quanto e quão merecido apreço foram tidas, quando appareceram, estas duas obras do illustre escriptor napolitano, proval-o-iam de sobejo, se preciso fôra, os applausos que lhe valeram de illustres escriptores, nossos como Xavier de Carvalho e Theophilo Braga, estrangeiros como Fernando Galanti, Vittorio Pica e Henri Faure, e ainda o sem-numero de jornaes e revistas portuguezas e estrangeiras que d'ellas, ao tempo, se occuparam, todas com os mais rasgados elogios. Mas ha mais: —o sr. Antonio Padula é socio da Academia Real das Sciencias e da Sociedade de Geographia de Lisboa e commendador da Ordem Militar da Conceição de Villa Viçosa: o que prova, e ainda bem, que os nossos governos e as nossas academias se apressaram a testemunhar-lhe, quanto podiam, a sua gratidão pelos serviços relevantes prestados ao nosso paiz e a alta consideração em que o tinham pelo seu talento e pelos seus escriptos.

Superfluo pois, alongar-me eu em encomios: nem tal era o meu proposito ao tomar o seu nome para epigraphe d'este ligeiro artigo. Queria eu apenas informar os leitores da *Ave-Azul* de que o sr. Antonio Padula, que já não deixara passar o Centenario da India sem que nelle tomasse parte, exaltando a gloria das nossas descobertas na elegante plaquetta *Il 20 de maggio 1498*, ainda agora tambem veio briosamente associar-se ao centenario garrettiano com a preciosa plaquetta *Il centenario de Almeida Garrett* dedicada, em respeitosa homenagem, ao venerando Bispo-Conde de Coimbra, Mgr. D. Manoel Correia de Bastos Pina.

Felicitamo-nos de o vermos connosco nesta obra de justiça; e connosco se felicitarão de certo por tal motivo todos quantos guardam no mais fundo do seu coração a memoria, augusta e inolvidavel, do altissimo poeta das *Folhas Cahidas*, do genial dramaturgo do *Frei Luiz de Sousa*.

Ao sr. Antonio Padula os nossos mais vivos agradecimentos pela offerta.

CARLOS DE LEMOS.

Com todo o prazer cedemos hoje o nosso lugar, n'esta secção, ao brilhante jornalista e nervoso poeta sr. Xavier de Carvalho, a quem muito do coração agradecemos a honra da sua collaboração a todos os respeitos preciosa.

C. DE L.

A Arte portugueza em Paris

O escultor Gouveia

O auctor da *Beatriz de Portugal*, o escultor que transportou para o marmore immortal o harmonioso perfil da *Menina e Moça*, — é uma das mais bellas organizações artisticas latinas.

Nascido no Porto, ha annos que vive em Paris, estudando com intelligencia, com coragem e com amor os Grandes Mestres da arte de Phidias. Com uma educação toda moderna. Francisco da Silva Gouveia, tem sabido conquistar em pouco tempo um lugar distincto na ala enamorada dos artistas de raça que neste intellectual Pariz luctam pelo triumpho da Beleza.

Gouveia prepara agora uma serie caricatural que deve produzir tanta sensação como os desenhos de Forain — é o gesso e o barro ao serviço do Comico e da Ironia. O processo empregado é novo, e crêmos que o escultor deve vêr coroados com um exito extraordinario os seus labores da hora presente.

Este artista tem apenas um enorme defeito na epocha de cabotinagem que atravessamos: é um modesto. Nunca correu atraz do reclamo, nunca nos pediu meia duzia de linhas para as gazetas, nunca nos chamou nas ante-vesperas dos seus *envois* para o *Salon*, com o fim de nos provocar um elogio, em frente dos seus gessos tão admiravelmente modelados, um dos quaes ainda ha poucos annos recebeu a devida consagração do jury francez, nos Campos Elysios! E' um modesto, — eis o seu unico defeito.

Mas ha-de triumphar porque tem talento ás mãos cheias, porque tem alma e porque tem coragem.

Descendente directo do grande Soares dos Reis pela sua

esthetica, o seu nome deve ser collocado na mesma altura a que se guindaram Thomaz Costa e Teixeira Lopes e mais tarde Queiroz Ribeiro e Fernandes de Sá.

Francisco Gouveia é da raça dos que triumpham e dos que se impõem. Trabalhador,—ha-de ter em breve a recompensa do seu grande amor ao estudo e do seu culto pela arte pura, na mais alta idealisação.

D'elle nos fallará em breve a critica: esperamos apenas a abertura do proximo *Salon*. O seu nome ainda pouco conhecido em Portugal, resozará de Paris, centro intellectual do mundo, n'um grito clamoroso de victoria.

Gouveia prepara para o anno da Exposição Universal um *petit salon* em Paris—onde elle nos apresentará os seus gestos caricaturaes, os seus *croquis* burlescos, todo um mundo novo que resurge nas asas da phantasia e da imaginosa ironia, gestos apanhados em flagrante, atitudes da multidão, typos d'um parisianismo para rir, os *smarts* da troça, tudo animado d'uma vida propria, palpitando ao sopro da Arte.

Entre os artistas novos de Portugal, devemos considerar Francisco da Silva Gouveia, como um dos primeiros no sentimento da Esthetica Moderna, dotado d'uma luminosa inspiração humana.

Paris, 1899.

XAVIER DE CARVALHO.

REVISTA DAS REVISTAS

Por accusar e agradecer a visita de mais duas revistas italianas quero eu ainda começar d'esta vez esta secção: são ellas:

—*Esperia*, esplendida revista litteraria, scientifica e artistica que se publica em Caserta sob a intelligente e accurada direcção do sr. P. de Francisceis: assignatura per anno, fora da Italia, 6 liras.

O numero de março que temos á vista (6.º do IV anno) abre por um interessante artigo em que a espirituosa e elegante auctora do *Figure d'arezzo* e do *Chiacchiere e Reminiscenza*, a condessa Franceschi Marini, sob o harmonioso pseudonymo de *Evelyn*, nos diz as suas impressões ácerca dos ultimos livros francezes, *Les Névrosés* de Arvéde Barine, *Procès de femmes* de J. Munier Jolain e *Le Stigmate* de Gilbert Angustin: segue uma deliciosissima prosa de Maria Romani, um artigo sobre a ultima tragedia de D'Annunzio, *La Gioconda*, por Gastone Cavaliere, uma preciosa pagina enthesoairando pequeninos poemas de T. Cannizzaro, Anna Scalera, Bruna, Adelaide Bernardini, Vittoria Aganoor, Rachele Botti Buida e outros, um elegante artigo de P. de Francisceis consagrado a *Evelyn*, cuja bella figura

aristocratica abrilhanta a primeira pagina, e, alem de outras prosas e versos, um artigo, para nós de muito interesse, intitulado *Anthero de Quental* por Antonino Mari, a proposito do valiosissimo volume *Sonnetti Completti* — um monumento litterario q̃uesto che il Cannizzaro, colla collaborazione del signor G. Zuppone-Strani, ha innalzato in Italia al poeta portughese.

— *Strenna del Flirt*: *Gazetta Illustrata del Gran Mondo* — revista litteraria e artistica de Palermo, cada fasciculo formando um riquissimo e artistico volume de cerca de 40 paginas: preço por anno 40 liras. Recebemos o numero de março com que inicia o seu terceiro anno. Na impossibilidade, por mingua d'espaco, de mais larga apreciação, destacamos da sua variada e primorosa collaboraçã litteraria o dorido poemetto *Le vittime del Lavoro* da genial poetisa Ada Negri, a encantadora prosa de J. Bencivenni *Dolce Befana*, a bella poesia *In morte d'una Vigna* de G. Ragusa Moleti, um magistral soneto de T. Cannizzaro *Al 1899* e as encantadoras paginas *La Rinascente* de Ferdinando Di Giorgi. Traz elegantes illustraçõs e uma bella pagina de musica *Scherzo* do Prof. Guglielmo Zuelli.

A ambas as nossas saudações muito affectuosas e agradecidas.

— *Eros*, de Messina: numero de março. Abre com uma bella poesia á Sicilia *Hic olim Trinacria fuit* de T. Cannizzaro; segue um excerpto do volume *Studi sui rimatori della scuola siciliana*, de Albino Zenatti sobre o primeiro poeta siciliano, Giacomo da Lentini. Interessantes ainda o artigo de A. R. Levi sobre o opusculo de mr. Vincenzo Reforgiato *La parodia omerica in un drama di Shakspeare*, e o artigo de G. Zuppone-Strani sobre a traduçãõ italiana que das poesias de Isabel Browning fez Tullio Massarani.

— *Arte*: Do fasciculo K — de março, ultimamente recebido, destacamos a bella prosa *Amores* do sr. D. Rafael Altamira; as deliciosas paginas de D. Anna de Castro Osorio *A proposito da Bonna* (lembram-se? aquella Bonna do *The-souro de meninas* que er, apesar de ser rapaz, tambem li, quando creança ...) recordando a biblica figura do seu tio bis-avô traductor do livro de madame Leprince de Beaumont; e as duas interessantes noticias de Xavier de Carvalho, *Le plus Parisien des Portugais de Paris*, conforme escreveu Maxime Formont no *Gil Blas*, uma sobre o artista Sousa Pinto, outra sobre a festa de Garrett em Paris. Traz ainda a *Strophe à Garrett* de Renè Ghil e o soneto *Almeida-Garrett* de Paul-Redonnel; etc. Uma brilhante revista, como veem.

— *Ideal e Verdade*: Director Campos Lima; Braga.

Do n.º 40 escreveramos o seguinte que, pelo motivo supra-apontado, ficou por publicar:

«Por não podermos entrar em mais larga apreciação, apenas destacamos como dignas de especial menção, a *Abertura das Angustias* de João Rocha e as *Trovas* de Cardiellos Junior, que, tirante umas duas ou tres quadras, são realmente encantadoras e ainda a *Página Loira* de Amadeu Cunha, onde odavia se nos depara esta phrase «... e ás escondidas sole-tram os cheiros do seu sapatinho» dum mau gosto que toca as rafas do absurdo.

Do n.º 41 destacamos a encantadora poesia *Ao meu coração* de Gonçalves Cerejeira, a suggestiva prosa *Ildebranda* de Amadeu Cunha, as pittorescas paginas *Os passarinhos* de Aluizio Azevedo e a vibrante poesia de Campos Lima *A Caridade* que fecha o fasciculo. Traz ainda, como os anteriores, uma secção sobre *Coisas populares portuguezas* interessantissima.

CARLOS DE LEMOS.